



Fumaça “Branca”

Toda a Congregação e tantos católicos no mundo têm rezado, nestas quatro últimas semanas, desde que o Papa Bento XVI anunciou a sua resignação. Irmã Ieda e eu estávamos em visita ao Paraná, Brasil, quando aconteceu a renúncia do Papa e só voltamos para Roma na manhã de seu último dia no cargo. Deste modo, perdemos muitas das especulações e do “burburinho” que estava acontecendo em Roma. Por sorte, estávamos aqui no último dia do Papa Bento XVI e da sua viagem de despedida para Castel Gandolfo, de helicóptero, que nós pudemos ver do nosso terraço.

Naturalmente, como muitas de vocês, a nossa Comunidade do Generalato, também ficou se perguntando em que dia, depois que começou o Conclave, o Papa seria eleito. Ficamos calculando quando deveríamos sair para a Praça de São Pedro na esperança

Ir. Sally Hodgdon
(SUPERIORA GERAL)

de estarmos presentes no momento da aparição da “fumaça branca”. Pensamos que poderia ser depois de cinco votações; então, na quarta-feira à noite ou talvez, mais provavelmente, na quinta de manhã.

Irmãs Donna e Ieda tinham acabado de chegar de um encontro na Suécia, na quarta-feira, por volta das cinco da tarde. Então, depois de um lanchinho, todas corremos, na chuva, para a Praça de São Pedro, esperando chegar antes das sete horas para a noite da “fumaça”. A Praça estava cheia, com milhares de pessoas, a maioria com guarda-chuvas coloridos, protegendo-se da chuva. Muitas pessoas estavam lá, durante todo o dia, esperando por notícias, mas a área ficou mais cheia quanto foi chegando sete

continua na pág. 2

Sumário

**PORQUE FAZEMOS O QUE
NÓS FAZEMOS**

**Ética na busca da justiça e da
solidariedade**

pág. 3

**Cultivando a nossa Vizinhança
na Tanzânia**

pág. 4

Uma História de Amor à Vida

pág. 5

**Mulheres: Justiça e Direito de
Ser Gente**

pág. 6

**CONSELHO GERAL: Seguir para o
Futuro por um Caminho não
Traçado**

pág. 7

**TANZÂNIA: Experiência
missionária na Tanzânia**

pág. 8

**REGIÃO N/NE: Uma Memória que
Reacende a Chama**

pág. 9

**ESTADOS UNIDOS: Lutar para Criar
uma Sociedade Mais Justa**

pág. 10

**NAGPUR: A Mulher Pode Fazer a
Diferença**

pág. 11

**REGIÃO N/NE: Respostas
Missionárias**

pág. 12

continuação da página 1

horas. Nós, rapidamente, achamos um lugar muito bom, de onde podíamos ver tanto a famosa chaminé no teto da Capela Sistina, quanto o balcão onde o novo Papa apareceria. Havia também uma enorme tela de TV bem próxima de nós, à nossa esquerda, que nos dava uma visão de tudo. Nos primeiros segundos depois que a fumaça apareceu, por volta das 7h10, não se tinha certeza se a fumaça era "branca" ou cinza para depois se tornar preta, mas rapidamente ela se tornou "cada vez mais branca" e a multidão foi ficando mais animada. Na verdade, foi um momento muito emocionante em que todos aplaudiam, se abraçavam e batiam palmas e os enormes sinos tocavam na Praça e na cidade, nós agradecíamos a Deus pelo novo Papa e por estarmos presentes neste momento histórico.

A hora seguinte, em que ficamos de pé, esperando para saber quem era o Papa eleito, pareceu muito mais do que 60 minutos, ainda que estivéssemos ocupadas tirando fotos da fumaça e da multidão, mandando mensagens de texto e telefonando para os Estados Unidos e outros países e tentando ficar secas, sem chuva. Também um casal de repórteres parou para nos entrevistar sobre a nossa reação às notícias. Por sorte a chuva parou antes de o Papa Francisco aparecer. Quando o anúncio, afinal, foi feito, foi difícil entender o Cardeal nos falando



Papa Francisco saúda a multidão depois da sua eleição

quem era o novo Papa, por isto a resposta não foi um enorme aplauso imediato. O aplauso veio quando as pessoas descobriram quem ele era.

O novo Papa parecia surpreso quando saiu no balcão! Mas quando ele falou, podíamos sentir seu desejo de seu UM conosco, quando ele agradeceu a todos pelas suas orações. Quando ele pediu que o abençoássemos antes que ele nos abençoasse, o poder do silêncio e a reverência na Praça foram emocionantes. Este pedido seu falou por si, do tipo de homem que ele é.

Durante o primeiro dia dele em Roma como novo Papa, Francisco tentou seguir a rotina normal e, a

caminho para rezar em uma das basílicas, parou para conversar com as pessoas que iam para o trabalho. Toda gente por aqui estava emocionada por ter um Papa da América do Sul, um jesuíta com experiência de liderança pastoral e provincial, que tem amor pelos pobres e uma pessoa que gosta de ouvir e de estar com o povo. E, é claro, os "Romanos" da cidade estavam contentes porque ele é de origem italiana!

Nossa oração é que Deus abençoe o Papa Francisco e todos os que o aconselham; que eles sejam abertos e queiram ver novas possibilidades para a nossa Igreja.

Novas Santas

| | | |
|---|----------------|------------|
| Ir. Maria Concetta Ciarcelluto (86) | ITÁLIA | 12/03/2013 |
| Ir. Marie Lutgarde Leppens (82) | FRANÇA | 12/03/2013 |
| Ir. Vernice Molinari (83) | ESTADOS UNIDOS | 26/03/2013 |
| Ir. Mary Anne Roddy (87) | ESTADOS UNIDOS | 27/03/2013 |
| Ir. François Régis Valet (86) | FRANÇA | 04/04/2013 |
| Ir. Maria Veronica Lütke Brochtrup (78) | NORUEGA | 12/04/2013 |
| Ir. Joana Margarida Gasparin (83) | CAXIAS DO SUL | 13/04/2013 |
| Ir. Alirce Paulina Frigotto Zanella (67) | PORTO ALEGRE | 16/04/2013 |
| Ir. Maria das Graças Iacoponi (95) | SÃO PAULO | 17/04/2013 |

PORQUE FAZEMOS O QUE NÓS FAZEMOS

Ética na busca da justiça e da solidariedade

Ir. Nilva Rosin

(LAGOA VERMELHA, BRASIL – JPIC)

O presente texto tem por objetivo contribuir na construção de uma reflexão que leve ao compromisso e à solidariedade com os injustiçados/as que são atingidos/as pela lógica perversa do mundo sistêmico-instrumental, que não leva em conta a ética. A luta pela emancipação dos seres humanos marginalizados e desprotegidos/as dos seus direitos humanos fundamentais exige uma interpelação ética. A preocupação de fundo é propor uma dinâmica de convivência que gere uma atitude de cuidado na perspectiva de uma cosmovisão de ser humano que respeite a alteridade. O que é ser ético/a? Por que ser ético/a? Só precisa de ética aquele sujeito que se sabe inacabado, não pronto e que está sempre em processo. A ética (ethos), compreendida como a arte da convivência, leva-nos a agir responsabilmente. A ética do amor universal e incondicional visa orientar atitudes e comportamento dos seres humanos em relação aos outros, na sociedade onde estão inseridos.

O chamamento ético é para pensar o modo “como se vive”. O sentido ético está na capacidade de resistir e dizer não às circunstâncias que negam a vida. Nesta perspectiva, uma das Urgências da Congregação e do Planeta, assumida, no Capítulo Geral de 2009, assevera: “viver um estilo de vida ético, contrapondo-nos ao consumismo e a tudo o que fere o ser humano e a integridade da criação, cientes de que cada escolha que fazemos



Ir. Nilva Rosin

tem impacto na sociedade e no planeta” (Doc. Final CG, 2009, p.7, nº3). Diante de tal decisão faz-se necessário refletir e educar-nos continuamente para uma vida ética e solidária. Frente a este propósito, cabe questionar-nos sobre a nossa responsabilidade e sobre qual o impacto do nosso agir no mundo, pois, quando indagamos sobre “o que fazemos” e “o que pensamos” remete-nos à ética do compromisso. Dado o exposto, a ética se ocupa do sentido da vida que vai se estruturando a cada dia de modo dinâmico. Isto exige alteração dos vícios e reafirmação de atitudes de respeito à ecologia humana. O cultivo de uma vivência ética orienta para posturas de respeito às diferenças, o que leva a assumir os valores éticos como compromisso com a causa dos empobrecidos/as, tendo como referência a justiça e a paz como crítica ao mundo instrumentalizado na perspectiva

do evangelho.

A finalidade da ética é auxiliar a fazer escolhas certas, e segundo Mário Sérgio Cortella: “tem coisas que eu quero, mas não devo, tem coisa que eu devo, mas não posso e tem coisa que eu posso, mas não quero”. No giro do raciocínio de Cortella aparece a orientação de como romper com os preconceitos para garantir uma educação de mudanças substanciais sem violações da dignidade humana. O evangelho e o nosso próprio carisma nos convocam continuamente à responsabilidade conosco mesmas e com os/as outros/as. Temos que aprimorar o direito e o dever à informação e à educação pertinentes para os nossos tempos. Urge abrir espaços de discussões para, juntos/as, construirmos processos educativos de convivência humana que promova a paz e a justiça.

PORQUE FAZEMOS O QUE NÓS FAZEMOS

Cultivando a nossa Vizinhança na Tanzânia

Ir. Jacqueline Goodin
(TANZÂNIA)

No Internato São José, em Songea, nós, as Irmãs Eliane Aparecida dos Santos, da Província de Caxias do Sul, Mary Priscilla Kakanatt, da Província de Tanmaya, e Jacqueline Goodin, da Congregação de São José, dos Estados Unidos, vemos nosso trabalho como um ministério de Justiça através do “pastoreio” de um punhado de garotas durante quatro anos de educação secundária. O Internato é uma residência onde elas ficam um ano inteiro enquanto frequentam a escola secundária do governo ou particular, na cidade. Consideramos esta forma indireta de educação como um ato de justiça por várias razões. Ele torna possível que as moças continuem seus estudos além da escola primária, dá a elas a oportunidade de quebrar o ciclo da pobreza, dos sonhos não realizados e da dependência, apoiando-as na educação e, portanto, nas oportunidades de desenvolvimento e de autossuficiência que a educação oferece. Ela também assegura que as moças sejam visíveis e tragam contribuição à comunidade. Além disso, afirma a dignidade da mulher e fortalece suas vozes na sociedade delas. Como fazemos isto? Oferecemos um ambiente seguro, limpo e estimulante no qual as jovens são incentivadas a estudar, a aprender e a se desenvolver. Desde 2012 Ir. Eliana tem visto, bem de perto, como o Internato São José tem impacto na vida das jovens. Ela



Um grupo de estudantes do Internato no computador

diz: “Oferecemos uma oportunidade para as moças pobres que desejam e têm capacidade para estudar. Estimulamos os seus sonhos de uma educação que dá, a cada uma, uma vida de dignidade pessoal e às suas famílias. Nós as encorajamos a verem a si mesmas como futuras profissionais, a ajudar no desenvolvimento de seu país que tem tantas necessidades de saúde, educacionais, econômicas, políticas e sociais. Deste modo, nosso trabalho com estas jovens apoia a motivação delas. Este é, tenho certeza, o trabalho de Justiça, nesta realidade cheia de injustiça para com a mulher”. Na Tanzânia, as jovens são propensas a deixar a escola, o que lhes dá menos escolhas na vida. As moças são tipicamente marginalizadas, de muitos modos, nesta sociedade patriarcal. Aqui nós as ajudamos a desenvolver sua “voz” na sociedade. Continuamente identificamos jovens com potencial de liderança forte – assim elas podem ter oportunidades de organizar trabalhos e atividades lúdicas e serem bom exemplos para as

meninas mais novas. Elas começam a ver a si mesmas como líderes. Tudo isto é parte do “desenvolvimento integral da criança” com o qual Ir. Priscilla se comprometeu durante seis anos nesta missão. Ela vê que este foco no desenvolvimento está presente no trabalho do Internato. “Este é o modo como daremos a elas uma vida melhor na sociedade”, ela diz. Tentamos transmitir às jovens, no Internato São José, que elas são, para o mundo, dons de um Deus amoroso, dignas de sonhos e de futuro brilhantes, independentemente das suas origens socioeconômicas. “Você é alguém! Assim, estude e aja de modo que você cuide de si mesma e de seu futuro”, dizemos a elas nas nossas relações, em nossos contatos com elas. Oferecemos às jovens que estão conosco muitas oportunidades, mas nos deparamos com desapontamentos, assim como com sucessos. Ainda que saibamos que podemos ajudar apenas algumas jovens a crescer, de maneira que antes parecia impossível, vale à pena fazer todos os esforços.

PORQUE FAZEMOS O QUE NÓS FAZEMOS

Uma História de Amor à Vida



Ir. Maria de Lurdes com os voluntários da Pastoral da Criança em Angola, África

Durante minha formação, iniciada nos anos de 1970, o sonho de ser missionária foi germinando e se fortalecendo. Optei pela área de saúde, profissionalizando-me em Enfermagem. O dia 5 de fevereiro de 1986 foi um dia especial e emocionante para mim: parti para minha nova missão em Itanhém, extremo sul da Bahia, região Nordeste do Brasil, onde a Congregação desenvolve um trabalho de evangelização. Com apenas um ano de missão na Bahia recebi uma de convocação de Dom Antônio Elizeu Zuquetto, para a Implantação da Pastoral da Criança na Diocese de Teixeira de Freitas, também na Bahia. O objetivo era reduzir o grande número de mortes de crianças que ocorriam diariamente na região. Assumi a Coordenação Diocesana durante 18 anos, e, por dois anos, coordenei os Projetos de Geração de Renda. Atualmente atuo como multiplicadora, capacitando voluntários na Pastoral da Criança, na Bahia, e na Missão

Internacional da Pastoral da Criança. O que me move e me impulsiona para continuar o trabalho na Pastoral da Criança é a missão de continuar o Projeto de Jesus que, com sua presença transformadora, anuncia a esperança de um mundo mais humano e solidário: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). A Pastoral da Criança é uma organização, criada no Brasil, que atua no combate à mortalidade infantil e na melhoria da qualidade de vida das crianças e de suas famílias. Fundamenta-se na solidariedade e na partilha do saber e objetiva o desenvolvimento integral das crianças, desde a concepção até os seis anos de vida, no seu contexto familiar e comunitário. As atividades, desenvolvidas nas comunidades, são de promoção humana no combate à mortalidade infantil, à desnutrição, à violência doméstica e à marginalidade social. Com isso, ajuda-se na

Ir. Maria de Lurdes Mattiello
(LAGOA VERMELHA, BRASIL)

educação para uma Cultura de Paz e para a melhoria da qualidade de vida dos mais pobres. Atualmente, a metodologia da Pastoral da Criança rompeu as fronteiras do Brasil. Através de ações simples e de baixo custo é referência internacional pelo êxito alcançado, sendo que sua atuação, hoje, se estende em outros 17 países.

Um dia recebi o inesperado telefonema da Dra. Zilda Arns Neumann, médica pediatra e sanitarista brasileira que fundou e coordenou internacionalmente a Pastoral da Criança até sua morte, no terremoto ocorrido em Porto Príncipe, no dia 12 de janeiro de 2010. Ela me convidou para implantar a Pastoral da Criança no Timor Leste. Lembrando o meu primeiro desejo de ser missionária, aceitei o desafio de atuar em um país pós-guerra, onde grande era o sofrimento e as necessidades do povo; isso no ano de 2001.

Contudo, a missão no exterior não parou por aí, mas abriu novas possibilidades. No ano seguinte fui enviada para Angola, na África, e em 2007 para Guiné-Bissau. Em Angola retornei em 2009 e novamente em 2011, com o objetivo de capacitar novos multiplicadores, aprimorando e fortalecendo as equipes em novas dioceses. Faço parte desta história de amor à vida já há 25 anos. O que me

PORQUE FAZEMOS O QUE NÓS FAZEMOS

fortalece e me anima no trabalho de Pastoral da Criança é que, por meio de medidas simples e de baixo custo, está provado que é possível mudar a realidade de um país. Afirmo que vale a pena doar o meu amor para a construção de um mundo mais justo e fraterno, a serviço da vida e da esperança, para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância.



Ir. Maria de Lurdes em Angola, África

Mulheres: Justiça e Direito de Ser Gente

Lúcia Ivani

(LEIGA DO PEQUENO PROJETO, PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, BRASIL)



Lúcia Ivani e Irmãs de São José na Cooperativa

Em Goiânia, município situado na região centro-oeste do Brasil, como em tantos outros lugares, a condição da mulher é bem precária. Denúncias de maus tratos e espancamentos chegam com frequência à Delegacia da Mulher – uma conquista em favor dos direitos e cidadania da mulher.

Existe, na periferia da cidade, um local de reciclagem – a Cooperativa de Reciclagem de Lixo (COOPREC). Além do

cuidado com o meio ambiente e a sustentabilidade, a Cooperativa luta em favor de suas cooperadas, a maioria mulheres. Dois pequenos fatos relatados a seguir demonstram este outro lado da Cooperativa.

Primeiro, foi trabalhar na Cooperativa, uma mulher que era espancada quase todos os dias pelo marido. Na COOPREC, as companheiras começaram a incentivá-la para que fosse à Delegacia denunciar o marido. Finalmente ela decidiu e fez a denúncia. Chegando em casa, apanhou novamente, e desta vez dobrado. Bastou um telefonema e a Polícia chegou à casa, levou o marido preso e, mais tarde, ele deixou definitivamente a casa. A vida desta mulher mudou completamente, ela tornou-se outra pessoa: vivaz e participativa. O segundo fato refere-se à outra mulher, tida como uma pessoa calada, que não dialogava com ninguém! Nem na família era capaz de comunicar-se. Também ela foi trabalhar na Cooperativa. Depois que começou a conviver,



Lúcia Ivani trabalhando na Cooperativa

trabalhar e participar dos momentos formativos e das dinâmicas, ela abriu-se. Hoje, ela é uma pessoa renovada, inclusive em casa e com a vizinhança. Sua transformação é visível. Assim, nossa Cooperativa de Reciclagem desenvolve o aspecto profissional e cumpre importante papel na justiça e na defesa dos direitos das mulheres.

Seguir para o Futuro por um Caminho não Traçado

Ir. Philomina Pazhuru Parambil
(CONSELHO GERAL)

Como tenho trabalhado com a comissão organizadora em preparação ao Encontro das Irmãs Mais Novas, a ser realizado de 13 a 29 de julho de 2013, tenho ficado muito impressionada pela palavra "futuro" e o que ela significa para nós, como Congregação. Toda Congregação, consciente das realidades de seu tempo, está revendo sua visão para o futuro. Cada membro está refletindo sobre o que há no horizonte para a Vida Religiosa e sonhando com os meios nos quais a vida pode ser mais sensível às realidades do mundo, sempre em mudança. Nós, em geral, estamos passando pelas grandes mudanças que acontecem periodicamente na Vida Religiosa, com o desaparecimento de algumas congregações, o nascimento de outras e a revitalização de algumas. O número de membro está em constante queda. Novas vocações não nos procuram. Enquanto no passado a Vida Consagrada era vista como um componente necessário para o ministério abnegado, um número crescente de leigos dedicados acredita que muito do nosso ministério pode ser realizado sem se comprometer pelo voto. Vivemos comprometidos com a busca da excelência e da perfeição em muitas dimensões da vida pessoal, mas isto nem sempre inclui a vida espiritual. Todas as formas da mídia apresentam imagens nos chamando a ser fisicamente atraentes e a apresentar uma boa imagem para os outros. Adquirir poder e posição é visto como critério para

avaliação da vida da pessoa. No meio destas mudanças da sociedade, a Igreja está enfrentando crises agudas. A falta de comprometimento, o testemunho relaxado da vida consagrada e o declínio na liderança espiritual têm levado crise de credibilidade para a Igreja. A inspiração que animou o fundador/fundadora é o mais importante e esta inspiração deve ser experienciada de novo por todos os membros. Em todos os desafios que enfrentamos hoje, devemos estar em sintonia com as manifestações criativas do Espírito que, muitas vezes, nos conclamam a caminhar por estradas menos percorridas e não familiares, vivendo o nosso carisma com fidelidade criativa, enquanto continuamos a realizar a missão de Jesus.

O nosso tempo atual é sagrado e os nossos desafios são uma bênção. Há momentos em que o velho deve dar lugar ao novo. Não deveríamos nos questionar para deixar o passado idealizado para que o Carisma continue a inspirar as gerações futuras e responda às necessidades dos tempos e das culturas diferentes? Qualquer coisa, menor que isto, deveria ser inaceitável.

O nosso futuro não nos pede fatos impossíveis. Ele pede que



Logotipo para o Encontro das Irmãs Mais Novas

abracemos um modo novo de olharmos para a nossa vida e missão. Ele nos convida a todas para darmos a nossa energia, oração e compromisso a este caminho inexplorado. Este é o desafio que se coloca a todas nós, mas se põe diante das Irmãs mais novas de um modo particular. Que importância têm a Igreja, o Evangelho e a Palavra de Deus se não nos provocam uma resposta, não nos perturbam, e nos apontam estruturas de pecado na sociedade na qual são proclamados? O Evangelho, com seus desafios e promessas, deve ser a base e a inspiração de nossa missão e de nossa identidade. Devemos aproveitar a oportunidade de cumprir a nossa missão para que ela seja contra cultural e que abrace uma genuína opção pelos desfavorecidos. Fazer algo menor é trair o nosso carisma e as bases sobre as quais estamos.



Irmãs Susanna Hoyos (Dinamarca), Philomina Pazhuru Parambil (Conselho Geral), Bénédicte de Vaublanc (França) e Eluiza Maria Silva (França/Brasil)

Experiência missionária na Tanzânia



Ir. Eliete conhecendo a realidade

Ação missionária é uma grande experiência de vida que ensina e faz compreender um pouco mais do nosso mundo; é o que vivo, como Irmã de Votos Temporários da Província de Caxias do Sul, Brasil, realizando uma experiência missionária na Tanzânia. Após um tempo de convivência com este povo, ainda estou me esforçando para aprender a língua nativa, o swahili, e conhecer seus costumes, sua cultura, seu jeito de viver. Fico admirada, apreciando, ouvindo e vendo como são o lugar e a vida deles. Os tanzanianos, em sua maneira de viver e de ser, nos acolhem de forma espontânea e calorosa. Tive muitas e belas surpresas. Uma delas, foi morar, por uma temporada, em Msalaba Mkuu, uma vila do interior, distante 30 quilômetros de Songea. Durante o tempo que morei nessa vila, visitei e desenvolvi algumas atividades em uma escola de educação

infantil: cantei músicas em swahili com as crianças. Os olhos delas brilhavam de satisfação por estarem aprendendo uma música diferente e vibravam quando conseguiam cantar. Senti-me muito feliz por estar, alegrar e

aprender com aquelas crianças. Para mim era algo tão pequeno, mas para elas, uma grande festa. Também ajudei as crianças a plantarem, em um saquinho ecológico, sementes de manga para acompanharem o crescimento e contribuírem na plantação de árvores frutíferas. Para elas essa atividade foi tranquila, pois conhecem, desde muito pequenas, o trabalho com a terra ao ajudar os pais na roça. Visitei algumas pessoas idosas com problemas de saúde. Nossa visita é uma esperança; elas se alegram e partilham suas alegrias e dificuldades. Acompanhei e participei da vida da comunidade-igreja. Diariamente as crianças têm catequese, onde decoram as orações das celebrações e recebem orientação para a vida. O coral fica horas, todos os dias,



Crianças preparando os sacos ecológicos

ensaiando os cantos para a celebração eucarística dominical, que é divina. O domingo é o dia de se encontrar, rezar e celebrar sem pressa. A Celebração Eucarística, geralmente, dura de três a quatro horas ou até mais, com a participação de crianças, jovens, adultos e idosos... Além da missa, é reservado um momento para avisos da vila e das organizações da comunidade. Após a Celebração Eucarística, as pessoas vendem e compram os produtos que cultivam.

Senti na pele as dificuldades que o povo enfrenta para sobreviver. Buscar água no poço para as atividades domésticas, trabalhar na roça e colher o alimento para o consumo diário. A alimentação é à base de milho, abóbora, batata, feijão e vegetais da região ou o que se consegue produzir. A assistência médica é precária e as pessoas acabam morrendo em casa por falta de atendimento. Malária, AIDS e tifo são doenças comuns nessa região. Assim a vida vai acontecendo, um dia após o outro, sem concorrências, ambições, inveja ou ganância. O povo vive com o que consegue produzir. Apesar das dificuldades, vive de maneira tranquila, há respeito e a entreatajuda. As famílias são numerosas e as crianças aprendem, desde cedo, a lavar suas roupas e ajudar nas atividades domésticas. O povo simples, pobre, surpreende na generosidade e na bondade. Aprendi que a solidariedade com os menores me aproxima do ideal de Jesus Cristo, dando mais sentido à vida. Na solidariedade, no colocar-se à disposição dos pequenos e na gratuidade encontramos as mais belas lições de vida.

Uma Memória que Reacende a Chama



Passando o banner para outra comunidade

Ir. Rosalia Fávero

(REGIÃO NORTE/NORDESTE, BRASIL)

O bicentenário de fundação de nossa Congregação foi um momento muito vivido por todas as Irmãs e pessoas Leigas do Pequeno Projeto, na Região N/NE do Brasil. Tomamos a iniciativa de confeccionar um banner com a foto de Madre Saint Jean Marcoux e, durante um mês, foram realizadas celebrações com símbolos e dramatizações. Cada noite, uma família recebia o banner e, em sua casa, acontecia a celebração da Palavra de Deus, com preces, cânticos, ladainhas e a retomada da vida de Madre Marcoux. Foram celebrações muito participadas pelas famílias das próprias Leigas do Pequeno Projeto, bem como as pessoas da mesma rua e arredores. Vivemos esta festa como um grande momento missionário nas famílias. A passagem do banner de uma localidade para outra, foi feita através de caravanas, o que permitiu fortalecer os laços de amizade e da comunhão, tanto entre as Irmãs como entre as pessoas Leigas do Pequeno Projeto. Este momento celebrativo atingiu até a Comunidade mais

distante geograficamente, no Amazonas, para onde foi enviado um quadro de Madre Marcoux. Testemunhamos que, por onde passou, Madre Marcoux abençoou lares, entusiasmou homens e mulheres e realizou verdadeiros milagres: fazendo pessoas se perdoarem e

unindo famílias. Sentimo-nos muito fortalecidas com as expressões de fé e reconhecimento da virtude heroica de nossa fundadora. Ela reacendeu, em nós e no povo que conheceu um pouco de sua vida, a chama do amor ao Projeto de Deus servindo ao querido próximo. Esta iniciativa permitiu a maior divulgação do nosso carisma e o conhecimento de nossa história. Encantou muitas pessoas: jovens, adultos e até mesmo crianças. Percebemos que para nós, Irmãs e Leigas, temos diante de nós um grande exemplo de vida doada a Deus servindo às pessoas mais vulneráveis e necessitadas. O zelo missionário de Marcoux deu nova energia na vivência da missão, mesmo que ela pareça difícil ou contrária ao nosso sentido de lógica. Deus sempre faz acontecer seu Projeto, apesar das nossas limitações humanas. O que Ele quer de nós é que sejamos dóceis instrumentos. A peregrinação do banner de Madre Saint Jean Marcoux, deixou claro que a humanidade necessita de modelos, de testemunhas que mostrem com a própria vida, que vale a pena gastá-la para que outras pessoas descubram o grande amor do Deus Trindade.

Lutar para Criar uma Sociedade Mais Justa

Ir. Barbara Bozak
(ESTADOS UNIDOS)



Audiência de jovens mulheres ouve a apresentação do Parlamento das Crianças

Fevereiro e março foram meses durante os quais dois encontros importantes aconteceram nas Nações Unidas, em Nova York: o da Comissão para o Desenvolvimento Social (em fevereiro) e o da Comissão sobre o Estatuto da Mulher (em março). Este ano os temas dos dois encontros, ainda que distintos, estavam interligados: “Promover o empoderamento das Pessoas para alcançar a erradicação da pobreza, a integração social e o pleno emprego e trabalho decente para todos” para a Comissão do Desenvolvimento Social e “Eliminação e Prevenção de todas as formas de violência contra as mulheres e as meninas”, para a Comissão do Estatuto da Mulher. Estes encontros foram importantes não só para as delegações oficiais do governo que falam de seus sucessos e desafios nas áreas tratadas, mas também para as das ONGs, incluindo a de Griselda Martinez-Morales, CSJ (Lyon-México), que representa as Congregações São José na ONU, oferecendo-lhes uma oportunidade para falar sobre estes assuntos num fórum público. Durante as reuniões

oficiais e os eventos paralelos (atividades organizadas nas instalações da ONU fora do programa formal) muitas ONGs trouxeram as suas preocupações e perguntas para os embaixadores e funcionários da ONU, engajados no diálogo para efetuar mudanças. Ficou claro que o que a ONU chama de “sociedade civil” tem um papel importante não só em fazer lobby para estruturas legais para criar um mundo mais justo, mas também no desenvolvimento de movimentos locais, de base e para fazer com que seus governos sejam responsáveis pelo compromisso deles nas resoluções, recomendações e programas da ONU.

Ainda que não tivesse havido uma definição de empoderamento que abrace toda a realidade, o foco da discussão durante o encontro de Desenvolvimento Social foi sobre criar um ambiente propício para que o marginalizado se torne agente ativo na construção de seu próprio futuro. Neste contexto, houve uma mudança na linguagem, evitando-se chamar as pessoas de “pobres”, mas, antes, reconhecendo que são pessoas que “vivem na pobreza”. Tal mudança na linguagem muda a nossa percepção destas pessoas sob uma luz mais positiva.

Muitos assuntos foram desenvolvidos durante o encontro sobre o Estatuto da Mulher. Ainda que dois encontros, entre os muitos nas Nações Unidas, tivessem abordado a resposta da União Europeia sobre o tráfico de mulheres e de meninas e a segurança das jornalistas mulheres, ONGs individuais se voltaram para outros assuntos, mais locais. Eventos paralelos (reuniões organizadas por

diferentes grupos em outros espaços) deram oportunidade para saber o que alguns grupos estão realizando ou lutando em seus próprios países e/ou organizações. O Consórcio das Mulheres, na Nigéria, falou sobre a violência contra as mulheres em seu país e quais os passos que foram dados e como eles estão trabalhando para prevenir isto. Uma apresentação focou sobre como o Parlamento das Crianças, na Índia, tem empoderado a juventude para efetuar mudanças em suas comunidades e falar sobre os direitos da criança menina. Outro evento pediu que todos os que estavam reunidos partilhassem suas experiências e a sua sabedoria a respeito da violência sofrida pelas mulheres migrantes com a esperança de que isto possa ser usado para mudar a realidade.

Cada evento, grande ou pequeno, foi uma oportunidade para aprender como nações, grupos e pessoas estão trabalhando para criar uma sociedade mais justa, uma sociedade em que não mais exista a violência contra a mulher, uma sociedade em que cada pessoa seja protagonista em moldar seu próprio futuro.



Sra. Sewa Adhikari, Presidente da Comissão para o Desenvolvimento Social, dirige-se aos membros da Sociedade Civil

A Mulher Pode Fazer a Diferença

Ir. Cecile Coutinho
(NAGPUR, ÍNDIA)

O Dia Internacional da Mulher, celebrado dia 8 de março, tem significados distintos para pessoas diferentes. Algumas o celebram como se fosse uma festa, outras como um dia para chamar a atenção. “Promessa é promessa: Tempo de agir para dar fim à violência contra as mulheres”, foi o tema do Dia Internacional da Mulher, de acordo com as Nações Unidas. Apesar da contínua exploração e injustiça tanto nos setores domésticos como no de trabalhos, várias etapas foram alcançadas pelas mulheres em termos de educação, liberdade de escolha, liberdade e igualdade. Com a crescente alfabetização e independência financeira, as mulheres estão mais qualificadas hoje para afirmar seu direito à vida de dignidade e de autoestima. Na sociedade atual, na Índia, o status da mulher é repetidamente questionado. Ficamos nos consolando dizendo que está tudo bem, mas não é assim. Ainda que muitas mulheres indianas tenham altos cargos ou tenham direitos iguais, mais da metade das mulheres têm que enfrentar discriminação, crime social, violência e desafios na vida cotidiana. Diante disto, as mulheres desempenham um papel vital nas aldeias de Nagpur, trazendo conscientização e solidariedade entre elas. Sob a orientação de Ir. Philomena Pichapilly, vários programas foram realizados para celebrar o Dia Internacional da Mulher. As mulheres que trabalham em Serviço Social, na Sociedade Nav



Ir. Philomena dando uma palestra

Jeevan, apresentaram a vida de uma mulher desde seu nascimento até a morte com as várias provações pelas quais elas têm que passar à medida que vão caminhando na vida: como casadas, mães, na velhice, como viúvas. A mentalidade negativa da sociedade indiana foi retratada em forma de drama, de teatro. A audiência tomou conhecimento das leis em favor das mulheres e a proteção da mulher contra a violência doméstica. Se uma mulher é levada presa pela polícia, ela deve saber o motivo da sua detenção. Ela deve ter liberdade para avisar as pessoas de sua casa sobre a sua prisão e deve ter liberdade para escolher um advogado. Às vezes a polícia faz coisas que são contra a lei e as pessoas devem estar conscientes de seus direitos. Ir. Philo salientou a necessidade de organizar as mulheres como um corpo e registrar a associação delas. Ela também destacou a ajuda e o apoio que podem receber do governo para conseguir os seus direitos e os vários esquemas do Governo para as mulheres. Por exemplo, as mulheres podem ter empréstimos subsidiados para

começar suas microempresas e elas podem formar sindicatos de microcréditos para ter treinamento gratuito para começar seus negócios. Um dia muito especial foi organizado em nosso Hospital em Yerla, em Nagpur, através do estímulo recebido do Diretor da IGNOU (Indira Gandhi National Open University – Universidade Aberta Nacional Indira Gandhi). Esta Universidade começou um programa de seis meses para oferecer um Certificado em Serviços Básicos de Saúde Domiciliar. Este curso tem como objetivo qualificar mulheres nas aldeias vizinhas e inculcar nelas os valores da esperança, amor e serviço, especialmente para os mais desfavorecidos. O programa deu um impulso no trabalho das moças das aldeias que tinham completado seus seis meses de treinamento em nosso Hospital. Para cumprimentá-las a IGNOU organizou este programa no nosso Hospital. É claro que capacitar as jovens e as mulheres não é só um dever moral, mas a solução para muitos dos maiores desafios enfrentados na busca do desenvolvimento e da paz.

Respostas Missionárias

Ir. Dominga Zolet
(REGIÃO N/NE, BRASIL)

Partilhamos um pequeno, mas significativo passo missionário: a presença na Ocupação Canaã, município de Marituba, no Pará, região norte do Brasil. Iniciamos no dia 28 de outubro de 2012 a nossa presença “oficial” nesta área. Realizamos a Celebração da Palavra e fizemos uma breve visita na casa que servirá de apoio à equipe missionária!

Este é um passo concreto da Região N/NE do Brasil na celebração dos 200 anos, seguindo os passos da ousada Madre Saint Jean Marcoux. Uma ação diante dos desafios do Capítulo Geral de 2009. Uma resposta aos incessantes apelos vindos da realidade local. E um ato de fidelidade ao mandado de Jesus “Ide por todo mundo...”. Após as decisões assumidas nas assembleias da Região N/NE em 2011 e 2012, as Irmãs da Comunidade de Marituba visitaram várias ocupações urbanas – áreas caracterizadas pelo uso e apropriação do meio físico sem planejamento (água, saneamento básico, eletricidade etc.). O município de Marituba está situado na região metropolitana de Belém e, atualmente, têm mais de 20 ocupações urbanas e/ou conjuntos habitacionais. A previsão para essas áreas é de um aumento de 100 mil habitantes até 2020 – o dobro da população atual. Optamos pela Ocupação Canaã que abriga 1.800 famílias e não tem nenhuma presença da Igreja Católica organizada, mas já conta com 12 templos evangélicos. Esta área é ocupada há mais de seis anos e, assim, oferece maior estabilidade das



Irmãs Aline Tessaro e Odila Cadore (próximas à porta) e Ir. Dominga Zolet (à direita) em momento de reflexão junto ao povo da Ocupação



Residências da ocupação Canaã

peças e mais condições de acesso.

Em 2012, realizamos visitas esporádicas à localidade e participamos dos eventos organizados pela Associação de Moradores. Já em 2013, estamos organizando uma presença sistemática, envolvendo as lideranças que encontramos na área, Leigas e Leigos do Pequeno Projeto, Missionários Leigos/as e Irmãs de outras Congregações! Com a chegada das Irmãs Odila Cadore e Aline Tessaro, vindas do sul do país, podemos estar mais presentes e ser mais atuantes neste novo campo de missão e sonhar com uma nova comunidade na Região.

EDIÇÃO

Barbara Bozak
Andréia Pires

TRADUÇÕES

Joyce Baker
Margherita Corsino
Agnès Moussièrre
Maria Elisabete Reis
Marie-Kristin Riosianu
Monica Sammartano

PROJETO GRÁFICO

Andréia Pires

DISTRIBUIÇÃO

Rosalia Armillotta

E-MAIL

icc@csjchambery.org